

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde
Departamento de Gestão da Educação na Saúde

A EDUCAÇÃO QUE PRODUZ SAÚDE

Série F. Comunicação e Educação em Saúde

Brasília - DF
2005

Editora MS

© 2004 Ministério da Saúde.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Série F. Comunicação e Educação em Saúde

Tiragem: 1.ª reimpressão – 2005 – 30.000 exemplares

Elaboração, distribuição e informação:

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde

Departamento de Gestão da Educação na Saúde

Esplanada dos Ministérios, bloco G,

Edifício Sede, 7.º andar, sala 725

CEP: 70058-900 – Brasília, DF

Tel.: (61) 225 1167

Fax: (61) 315 2345

E-mails: degas@saude.gov.br

sgtes@saude.gov.br

Home page: www.saude.gov.br

Equipe técnica:

Abigail Reis

Ana América Paz

Eva Socorro da Silva

José Ivo Pedrosa

Linete Maia

Maria Verônica Santa Cruz de Oliveira

Renata Pekelman

Vanderléia Laodete Pulga Daron

Editor de texto:

Gerson Flávio da Silva

Ilustração:

Christiano Mascaro

Projeto Gráfico:

João Lin

Impresso no Brasil/ Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde.

A educação que produz saúde / Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

16 p.: il. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde)

ISBN 85-334-0886-2

1. Educação em Saúde . 2. Promoção da Saúde . 3. I. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. II. Título. III. Série.

NLM WA 590

Catálogo na fonte – Editora MS – OS 2005/0209

Títulos para indexação:

Em inglês: The Education which Produces Health

Em espanhol: La Educación que Produce Salud

Equipe Editorial:

Normalização: Gabriela Leitão

Revisão: Denise Carnib e Lijian Alves Assunção



SUMÁRIO

Carta às educadoras e aos educadores	5
Que história é essa de saúde na escola	6
Uma outra realidade é possível	7
Uma escola comprometida com a realidade	8
Mapa falante	10
O pensar e fazer educação em saúde	12
Construindo coletivamente processos educativos em saúde na escola .	14
Descobrimo formas de utilizar o material educativo	15



CARTA ÀS EDUCADORAS E AOS EDUCADORES

O direito à saúde, afirmado na Declaração dos Direitos Humanos de 1948 e explicitado na Constituição Federal de 1988, define a saúde como direito de todos e dever do Estado, indicando os princípios e as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse direito fundamental do ser humano se torna realidade com a participação da população em suas conquistas e com o compromisso político do Ministério da Saúde: universalização, equidade, integralidade, resolutividade e controle social da política de saúde.

Saúde é qualidade de vida e, portanto, encontra-se vinculada aos direitos humanos, ao direito ao trabalho, à moradia, à educação, à alimentação e ao lazer. A escola é um espaço onde se constituem os cidadãos desses direitos, por meio de práticas realizadas por sujeitos sociais críticos e criativos, capazes de construir conhecimentos, relações e ações que fortalecem a participação das pessoas na busca de vidas mais saudáveis.

Na relação entre saúde e escola surge a possibilidade de construirmos juntos a "escola que produz saúde": uma proposta que envolva estudantes, trabalhadores da educação, comunidade escolar, órgãos governamentais de educação, gestores de sistemas de saúde e educação, movimentos sociais, associações, grupos, famílias e toda a população.

A publicação "A educação que produz saúde" visa a fortalecer os modos participativos, democráticos e públicos de pensar e fazer educação em saúde na escola. Seu objetivo é contribuir para que a comunidade escolar se sinta motivada a refletir sobre o significado de saúde e qualidade de vida e a discutir sobre as causas e possíveis soluções para os problemas existentes na escola e na comunidade.

Nesse sentido, os profissionais de educação são convidados a pensar a saúde na escola, das mais diferentes formas e significados, a partir do processo de construção coletiva dos Projetos Políticos Pedagógicos. Dessa forma, descobrir como o conhecimento e a cultura popular representam a saúde, a doença e os modos de cuidar é um processo que ganha sentido no dia-a-dia de cada pessoa e nas experiências coletivas da cidadania.

Humberto Costa
Ministro da Saúde



**saúde
é tudo isso
e muito
mais**

QUE HISTÓRIA É ESSA DE

SAÚDE NA ESCOLA

Vamos começar nossa conversa dizendo que a saúde está presente em todos os momentos da vida, nos quais somos capazes de pensar, sentir e assumir nossos atos e decisões. E não somente quando não sentimos os sinais e sintomas de doenças. É "um estado de bem-estar físico, social e mental", como diz a Organização Mundial da Saúde. Mas, será que esse estado existe mesmo? A primeira conclusão é que a saúde depende de muitas outras coisas.

No nosso País, a Lei Orgânica da Saúde (Lei n.º 8.080), do ano de 1990, define no artigo 3.º que a saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, dentre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais.



Existem fatores que condicionam o estado de saúde das pessoas, tais como:

- o nível de desenvolvimento social e econômico do País, estado e município;
- a infra-estrutura existente, as condições de saneamento básico, de moradia e de trabalho;
- a subjetividade, a afetividade, a espiritualidade, a sexualidade, o gênero e a diversidade cultural;
- a participação das pessoas nas decisões da comunidade;
- o grau de desigualdade de renda, entre outros.

A realidade é contraditória e apresenta problemas que no dia-a-dia contribuem para o aparecimento de condições que vão gerar a saúde ou a doença. Existem fatores que condicionam o estado de saúde das pessoas, a exemplo de:

- aumento de agentes transmissores de doenças e alergias;
- alimentação inadequada que leva à desnutrição ou à obesidade;

- falta de saneamento básico e formas de destruição do meio ambiente;
- falta de proteção no trabalho;
- violência, discriminação, dominação, drogas e tantos outros problemas.

PENSANDO NOSSA PRÁTICA

VAMOS CONVERSAR NO GRUPO:

1. Como compreendemos a saúde em nossa escola?
2. Que ações de saúde existem na nossa escola e como são desenvolvidas?
3. Como nossa escola pode ser espaço de produção de saúde? Por quê?
4. O que nossa escola poderá realizar para fortalecer ou se tornar um espaço de produção de saúde?

UMA OUTRA REALIDADE É POSSÍVEL



Percorrendo as diversas regiões do Brasil, podemos constatar que, cada vez mais, as escolas promovem ações educativas em saúde.

No entanto, as ações desenvolvidas historicamente têm se centrado em um olhar biomédico, ou seja, pensamos saúde com um enfoque na doença ou na sua prevenção. Essa forma de pensar a saúde tem sido insuficiente para fazer da escola um espaço que produz saúde.

Mas, sabemos que a promoção da saúde é tarefa de diferentes setores da sociedade e, assim, muito mais pessoas poderão se envolver nas ações de educação em saúde, ajudando a despertar para a discussão acerca da qualidade de vida das comunidades.

Nesse sentido, os ministérios da Saúde e da Educação estão trabalhando numa proposta que visa a contribuir para a transformação da prática educativa em saúde na Educação Infantil, nos Ensinos Fundamental e Médio e na Educação de Jovens e Adultos.

A escola pode, então, mobilizar as mães e os pais dos alunos, além de outras pessoas da comunidade, como técnicos, profissionais, empresários, artistas... Participando das ações de saúde na escola, elas descobrem que juntas são capazes de criar soluções e aos poucos melhorar a vida da sua comunidade. Para isso, é necessário promover um amplo diálogo com os diversos grupos, buscando a construção do conhecimento sobre a saúde. Esse processo de construção coletiva do conhecimento, por meio do diálogo, de troca de experiências e saberes, é muito importante. É o jeito de fazer as coisas...

As ações de saúde na escola que utilizam técnicas e métodos participativos aumentam a motivação dos professores, estudantes, pais e de toda a comunidade.

PENSANDO NOSSA PRÁTICA

VAMOS CONVERSAR NO GRUPO:

1. Que experiências de mobilização e participação você pode relatar sobre a sua comunidade?
2. Na sua opinião, qual a importância de fazer as coisas de um jeito participativo?
3. Quais os instrumentos que a comunidade tem para fazer um planejamento e acompanhar as políticas públicas de saúde?

UMA ESCOLA COMPROMETIDA COM A REALIDADE

Ao incorporar o tema da saúde em seu projeto político-pedagógico, a escola passa a promover ações educativas em saúde que levam à reflexão sobre o que é ter uma vida saudável. É por meio dessa reflexão, a partir da realidade, que as pessoas vão descobrindo que é impossível falar de saúde sem pensar nas condições de moradia, de trabalho, na alimentação, na educação, nos serviços de saúde, no lazer, na forma como nos relacionamos com as pessoas, na forma como protegemos a natureza e o meio ambiente, na força da nossa organização, na decisão política, enfim, nas condições de vida da comunidade.

A escola está situada em um bairro, numa comunidade rural, numa área indígena, em uma região geográfica, onde pode ser que tenha rios, córregos, esgotos a céu aberto, lixões. A escola está situada em uma comunidade que tem histórias, festas, manifestações religiosas, grupos culturais, tem o saber popular, o que nós poderíamos chamar de um território vivo.

Em geral, nessa comunidade, existem diversos grupos e organizações sociais, tais como: clubes, sindicatos, associações de



moradores, prefeitura, câmara legislativa, secretarias, conselhos distritais e municipais de saúde e de educação, lideranças comunitárias e movimentos sociais.

Deve existir também uma distribuição dos serviços: postos de saúde, hospitais, maternidades, escolas, coleta de lixo etc.

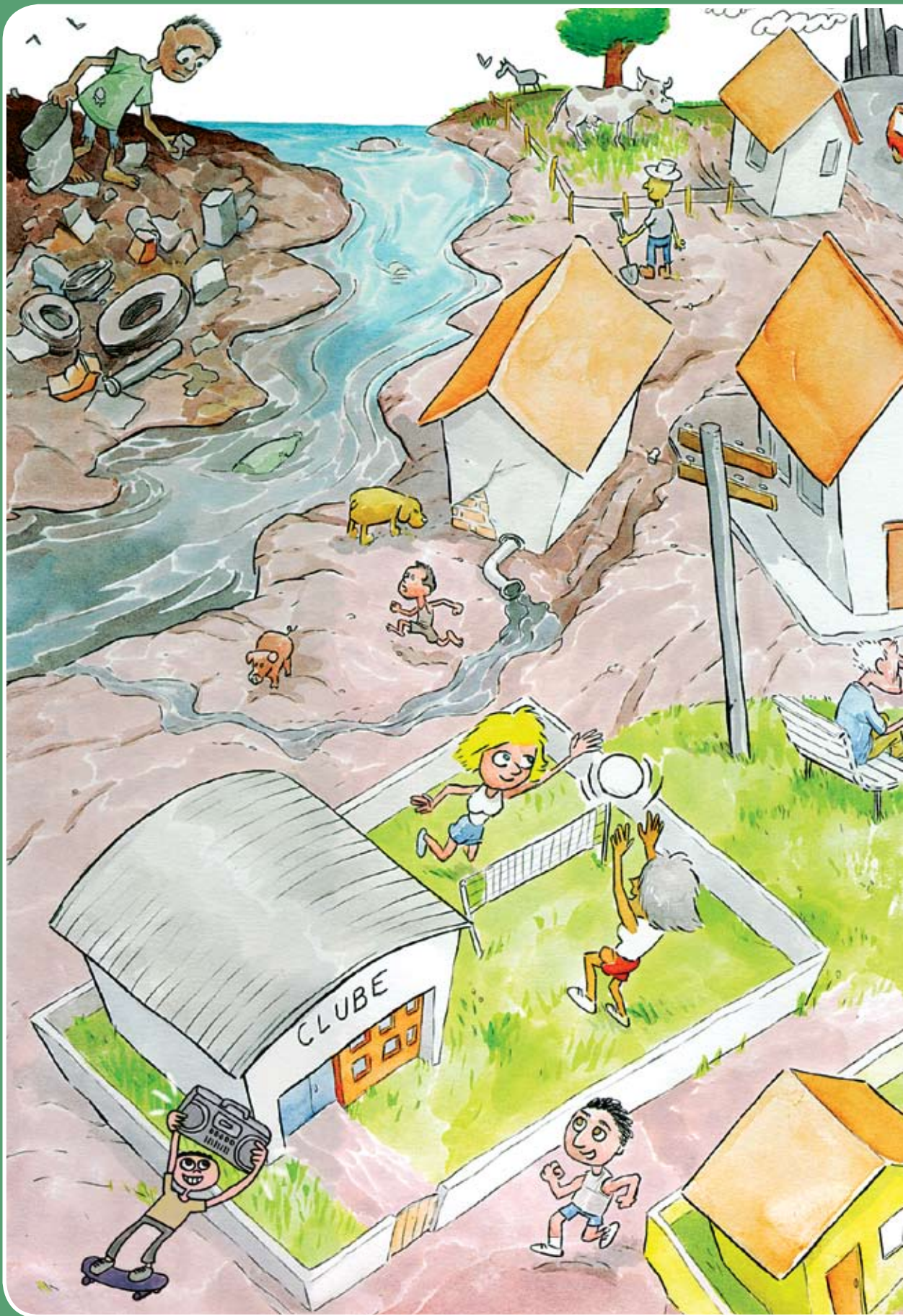
PENSANDO NOSSA PRÁTICA

VAMOS CONVERSAR NO GRUPO:

1. Como estamos vivendo? Dispomos de boas condições de moradia, trabalho e educação? Dispomos de saneamento básico? Temos transporte coletivo que atenda às nossas necessidades? Existe lugar para o lazer em nossa comunidade? De que se adoece e morre nesse território?
2. Para ajudar a refletir sobre essas perguntas, sugerimos a elaboração de um mapa falante, que ajude a visualizar a realidade na qual estamos vivendo. Então, pegue tesoura, lápis, revistas e cola. Vamos fazer uma colagem, desenhar, escrever... Convidamos você e o grupo a mapear a realidade levando em conta os problemas de saúde e suas origens, os sujeitos sociais, as riquezas e as potencialidades da sua comunidade (use a folha central como exemplo para a construção do seu mapa).
3. Agora que nosso mapa está pronto, o que podemos dizer sobre ele? Ele nos ajuda a compreender melhor nossa realidade? Por quê?
4. O que essa realidade tem a ver com a saúde?



MAPA FALANTE



O PENSAR E FAZER EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Uma das coisas mais importantes na ação educativa em saúde é o envolvimento de várias pessoas. A escola que interage com a comunidade tem maiores chances de encontrar soluções para os problemas. Às vezes é difícil mudar a prática, mas é importante sensibilizar as pessoas, pois, todos podem trazer contribuições.

O que motiva a participação, o ponto de partida, é a discussão coletiva dos problemas e das contradições existentes na realidade, como vimos no mapa falante do nosso território. Como cada problema puxa um tipo de solução, para cada solução devemos procurar os melhores caminhos, pois, além do compromisso individual, é importante mobilizar as diversas organizações presentes em nossa realidade.

Para fortalecer ou transformar a escola em um espaço de produção de saúde, precisamos de pessoas com experiência em diversas áreas do conhecimento. Além dos próprios profissionais de saúde, agentes de saúde, existem muitas raizeiras, parteiras, benzedeadas que exercem uma missão importante na saúde das populações. Existem conselheiros de saúde que participam dos conselhos de saúde.



Nesse processo educativo tem lugar para todas e todos. Diferentes profissionais podem ajudar na sensibilização das populações e na reflexão sobre nossa realidade.



Uma questão muito importante para refletirmos na escola é o Sistema Único de Saúde, o SUS. Ele surgiu como conquista da luta da população pelo direito à saúde, reconhecido na Constituição de 1988. O SUS tem como princípios fundamentais a universalidade, a equidade e a integralidade, e como diretrizes a descentralização, a participação e o controle social. É na Constituição que está escrito que toda população tem direito à atenção de qualidade que seja capaz de resolver seus problemas de saúde de forma integral. Além disso, prevê a participação popular na formulação e no controle social das políticas de saúde.

Para que esse direito se torne cada vez mais uma realidade no nosso dia-a-dia, é importante conhecermos melhor como o SUS funciona e as suas políticas, por exemplo, a Saúde da Família, a Vigilância em Saúde, os conselhos de saúde e tantas outras.

PENSANDO NOSSA PRÁTICA

VAMOS CONVERSAR NO GRUPO:

1. Consideramos e respeitamos os saberes, as crenças, as histórias de vida das pessoas da nossa comunidade? Valorizamos suas contribuições para a melhoria da saúde das pessoas?
2. Reconhecemos a força, a capacidade e as possibilidades que cada pessoa tem para nos ajudar a mudar a realidade? Como promover ações conjuntas que reúnam pessoas e organizações sociais?
3. O que conhecemos sobre o SUS? Como podemos aprofundar esse tema em nossa escola?
4. Como nossa escola pode ter uma relação com o conselho de saúde e de que forma pode contribuir para fortalecer a participação popular no SUS?





CONSTRUINDO COLETIVAMENTE PROCESSOS EDUCATIVOS EM SAÚDE NA ESCOLA

Quando a escola se transforma em um espaço de produção de saúde, muitas atividades podem ser desencadeadas pela comunidade escolar, tais como: aulas interdisciplinares, visitas às comunidades, palestras, estudos, seminários, dentre outras. Podem ser atividades educativas abordando os temas como saúde, cidadania e Sistema Único de Saúde (SUS), hábitos e alimentação saudáveis. Além disso, pode-se atuar junto aos conselhos locais e/ou municipais de saúde, sempre planejando coletivamente. Com a necessidade de divulgação das ações, bem como dos conhecimentos sobre saúde, o Ministério da Saúde vem produzindo materiais para contribuir nas reflexões e no desenvolvimento dessas atividades.

À medida que a escola vai se transformando em um espaço de produção de saúde, nasce a necessidade de divulgação das ações e dos conhecimentos que produzimos sobre a saúde. Torna-se crescente o desejo de que outras comunidades também se organizem, planejem ações e possam trocar experiências e conhecimentos, umas com as outras. Nesse caso, é possível criar na escola informativos, *folders*, histórias em quadrinhos, cartilhas, murais, revistas e tantos outros materiais educativos, em que todos participem da sua elaboração, levando e trocando mensagens de saúde para a comunidade e outros lugares.

A produção do material educativo na escola pode ser feita de várias maneiras. Tem escola onde a comunidade participa ativamente, sugerindo o tipo de desenho, dando idéias, discutindo cada frase, o sentido das palavras e o impacto desse material na vida das pessoas e de comunidade. Em outras escolas, essa produção recebe a ajuda de técnicos de comunicação. Eles fazem tudo junto, pois é a comunidade que conhece a realidade e que passa para esses profissionais as informações já discutidas.

O mais importante é que o material educativo reflita a realidade cultural da comunidade. É preciso que ele tenha o jeito de ser da comunidade, que ajude as pessoas a questionar e a compreender melhor a sua realidade. Uma coisa importante é garantir o registro das atividades realizadas na escola. Quando começamos a elaborar o roteiro para a produção de um material educativo, temos que lançar mão do registro, para não esquecermos as falas mais significativas do processo.



Passo a passo, a produção do material educativo vai sendo discutida com todos os participantes do grupo. Por exemplo, o grupo vai decidir se o tipo de desenho tem a ver com a sua realidade e se ajuda a compreendê-la melhor.


Uma vez decidido o tamanho e a quantidade de páginas que o material educativo vai ter, é possível fazer o esboço inicial. Isso ajuda a rever cada parte do material até chegar a sua versão final.

PENSANDO NOSSA PRÁTICA

VAMOS CONVERSAR NO GRUPO:

1. Que ações educativas em saúde vamos desenvolver em nossa escola?
2. É possível construirmos material educativo em saúde em nossa escola?
3. Além do material escrito (informativos, cartilhas), que outros materiais educativos podemos criar?
4. Como poderemos começar a fazer e utilizar um material educativo elaborado por nós?

DESCOBRINDO FORMAS DE UTILIZAR O MATERIAL EDUCATIVO



Quando o material está pronto, chega a hora de definir as várias maneiras de utilizá-lo. Em geral, ele já é feito para determinado grupo. Assim, sugerimos que seja um instrumento que estimule a discussão em atividades coletivas ou individualmente.

A utilização do material educativo em grupos pode servir como ponto de partida para a discussão. As inúmeras questões que ele levanta vão sendo aprofundadas pelo próprio grupo e serão comentadas por todas as pessoas que receberem e tiverem acesso ao material produzido.

É importante fazer registros e observações escritas sobre o processo de utilização dos materiais didáticos, dos depoimentos e das conversas que eles foram capazes de gerar. Isso vai servir para avaliá-los e para que aos poucos eles sejam aperfeiçoados. Nessa avaliação, o que interessa é o processo, pois é ele que vai ajudar os participantes a entender, compreender, interpretar e explicar o que acontece no próprio grupo e em cada um dos grupos educativos.

PENSANDO NOSSA PRÁTICA

VAMOS CONVERSAR NO GRUPO:

1. Como avaliamos a utilização do nosso material educativo na comunidade? Além da comunidade, quem mais o tem utilizado?
2. Ele é um material criativo? Por quê?
3. Ele facilita o processo de aprendizado e de troca de conhecimentos?

